

AMÉRICA LATINA: UMA HISTÓRIA A REENCONTRAR-SE

Afonso Rocha Lacerda¹

Resenha do livro: MICELI, Sergio; MYERS, Jorge (org.). *Retratos latino-americanos*: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX. Tradução Zepa Ferrer e Silvana Cobucci. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

A obra reúne um conjunto de ensaios acadêmicos que se inscrevem, todos eles, sob a rubrica do projeto que dá título ao livro, *Retratos latino-americanos*, dirigido pelos organizadores, Sergio Miceli e Jorge Myers. Na esteira deste projeto, foi promovido no ano de 2011, pelo Centro de História Intelectual da Universidade Nacional de Quilmes, na Argentina, o encontro *El recuerdo letrado: Escritura memorialística de artistas e intelectuales latinoamericanos del siglo XX*, reunindo pesquisadores de diversa procedência no subcontinente latino-americano, tanto no âmbito hispânico quanto no de língua portuguesa.

Os trabalhos que compõem esta obra coletiva são produto da pesquisa em História Social da Cultura, mais especificamente, da denominada História Intelectual, e se ocupam de escrituras de cunho memorialístico de intelectuais e artistas de vários países da região ao longo do século XX. Representam importante contribuição para a compreensão das transformações sociais e culturais do período, resgatadas, muitas vezes, de forma indireta, pelo prisma de escritas intimistas, inclusive adernando para o registro ficcional, ou envolvendo um caráter mais programático a partir das diatribes culturais e políticas nas quais os autores estudados se envolveram ativamente no contexto por vezes conturbado que lhes coube viver.

É importante levar em conta que o século XX se abre no subcontinente latino-americano com o processo de consolidação das incipientes repúblicas às vésperas de seus centenários, e que este fato dá vezo a embates que convulsionam e reacomodam todo o tecido social, fazendo-se também sentir de maneira muito intensa na vida intelectual do período, particularmente para as camadas letradas que vão consolidando sua autonomia em relação à ordem social herdada do século anterior. Nos países do âmbito hispano-americano, especialmente, ocorrem as decisivas revoltas pela renovação do ensino superior a partir do Manifesto de Córdoba, de 1918, com desdobramentos em todo o continente e que, significativamente, comemora seu centenário um ano antes do lançamento deste livro.

¹ Mestre em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo. E-mail: lacerda.afonso@gmail.com

No prólogo assinado pelos organizadores, o leitor se depara com um levantamento minucioso acerca do que se convencionou chamar “escritas do eu”, das quais a memorialística é uma variedade específica. São mencionadas as variantes das “escritas do eu” que se interpõem entre o gênero autobiográfico e os diários, como seus dois polos eminentes, cabendo realçar a escrita das memórias ou recordações, caracterizada por apresentar maior liberdade em relação ao caráter vinculante e programático do relato biográfico ou ao ordenamento cronológico típico do diário. É prudente levar em conta, além do mais, o frequente entrecruzamento e mútua fecundação entre estes registros distintos, assim como entre a história do “eu” e a ficção.

Ademais, o duplo contexto envolvido na reconstrução do passado a partir do presente compreende sempre um coletivo mais amplo remetendo ao fato social inelutável, conforme os autores nos lembram fazendo menção a Maurice Halbwachs. Portanto a memorialística, afirmam Miceli e Myers, “é portadora de uma história específica que pode ser reconstruída e analisada à luz das ciências sociais” (p. 16). E os autores não deixam de fazer indicações metodológicas precisas sobre como isto pode ser levado a cabo, chamando a atenção para as formas que a relação complexa entre passado e presente pode assumir na própria escritura – por exemplo, quando a subjetividade literariamente trabalhada se funde com a da personagem real. Alertam também para o recorrente “efeito biográfico”, tal como postulado por Pierre Bourdieu, que consiste na projeção teleológica do narrador sobre o sentido dos acontecimentos pretéritos que ele relata.

A contribuição dos organizadores resulta ainda em estudos no corpo da obra. Sergio Miceli assina, juntamente com Heloisa Pontes, ensaio sobre a cena teatral brasileira, analisando a matéria-prima autobiográfica na dramaturgia de Jorge Andrade e de Gianfrancesco Guarnieri, relacionando-a à derrocada de uma ordem social decadente e à gestação de um imaginário utópico, respectivamente. Jorge Myers se debruça sobre a prolífica e complexa produção autobiográfica do venezuelano Mariano Picón Salas, para quem “a ‘vida pessoal’ e a ‘história’ eram dimensões intercambiáveis” (p.409).

As recordações dos intelectuais a serviço da revolução, título do primeiro eixo temático em que os ensaios são agrupados e que, como os demais, é não estanque, recobre a importante consideração dos motivos apriorísticos que embasam um conjunto significativo das “escritas do eu”, envolvendo a produção de intelectuais e artistas que em diferentes níveis tiveram no seu engajamento social a motivação primordial da autorrepresentação que nos legaram (são abordados escritos de Mariano Azuela, José Vasconcelos, Jorge Amado, Luis Alberto Sánchez, Fernando Gabeira,

entre outros). Paralelamente às transformações sociais relacionadas ao processo de modernização das sociedades no período, a vida na cidade repercute também no domínio das convenções literárias e no forcejamento da intimidade por conquistar espaço maior de publicidade, rompendo as constrações da moralidade vigente (Salvador Novo, Ángel Rama, Victoria Ocampo, Juan José Sebreli, entre outros). Outro tema recorrente é a necessidade dos autores estudados de revisitar sua formação ou de justificar sua trajetória e projetos a partir de uma perspectiva em que as ações práticas e as vivências mais subjetivas recobram uma organicidade e inteireza muito particulares (Victoria Ocampo, José Vasconcelos, Gilberto Freyre). As temáticas se desdobram, ainda, entre a interlocução epistolar, a vida profissional, as memórias da infância mitificadas e/ou projetadas em obras autobiográficas interpretativas de fôlego (Mariano Picón Salas, Juana de Ibarbourou, Gilberto Freyre), assim como traumas revisitados segundo registros que convivem e alimentam a produção ficcional de escritores (Lima Barreto, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso). Convém assinalar que optamos por inserir os autores estudados, eventualmente e quando nos pareceu justificado fazê-lo, em rubricas temáticas distintas daquela em que aparecem no livro, reforçando assim o já assinalado caráter não estanque e intercambiável das mesmas.

Dentre os autores brasileiros analisados, além dos já mencionados, cabe destacar Pedro Nava, responsável por uma copiosa obra memorialística tida como das mais bem-acabadas no gênero, e que retrata com riqueza de detalhes o cenário da vida cultural entre os integrantes do círculo modernista mineiro na primeira metade do século XX. Também a obra biográfica de Manuel Bandeira, evocativa da sua poética e construída numa linha transfiguradora dos eventos da vida do autor, evadindo-se do mundo como sugere o estudo, e nem por isso menos reveladora deste traço essencial que consiste na autorrepresentação de Bandeira como um elemento revelador do seu contexto deliberadamente obliterado. O estudo dedicado a Graça Aranha, por sua vez, é de uma perspicácia sociológica ímpar, ao retratar a progressiva autonomização da esfera literária do âmbito da política, ao qual permanecia vinculada na ordem social vigente no Império e primórdios da República. Merecem destaque os textos que tratam de Gilberto Freyre, autor já mencionado e que é o único no livro a contar com dois ensaios a ele dedicados, refletindo sobre “seu livro de quase-memórias” *Tempo morto e outros tempos* e um livro de viagens, *Aventura e rotina*. Enquanto o primeiro retrata seu itinerário formativo de juventude, o último relata sua autodenominada odisseia em terra firme, quando nos inícios dos anos 1950, faz uma decisiva viagem através de Portugal e das colônias portuguesas, périplo e andanças nos quais suas teorias são revisitadas e confirmadas, mais de reencontro do que de encontro com o novo, como o ensaio revela tão bem.

O cenário da modernização social e da massiva inserção de setores sociais provenientes da imigração europeia na vida intelectual universitária e/ou jornalística, assim como nas importantes revistas em torno das quais orbitava uma miríade de personagens que se entrecruzam de um ensaio para o outro, permite desenhar o rico e substantivo quadro da vida intelectual da Buenos Aires de inícios ou meados do século XX. Quem quer que percorra este conjunto de estudos voltados para a produção do crítico Roberto Giusti, do eminente historiador Halperín Donghi, da aventurosa e surpreendente trajetória de Enrique Dickman, médico e deputado socialista, terá a oportunidade de constatá-lo. Não podemos deixar de mencionar o estudo sobre Juan José Sebrelli, polêmico autodidata e cartógrafo outsider, capaz de captar a efusiva vida cultural da cidade e seu “mapa fraturado”, cristalizados na sua obra celebrada *Buenos Aires: vida cotidiana y alienación* (1964).

Assim como o argentino, outro cenário que reúne um expressivo número de autores abordados na obra é o mexicano, com a peculiaridade de evidenciar o quanto as fronteiras culturais não se submetem às injunções da geografia física, na medida em que incorpora figuras atuantes no universo cultural mexicano, como o dominicano Pedro Henríquez Ureña e o espanhol Luis Buñuel. Fenômeno que transparece também em detalhes preciosos sobre a institucionalização da cultura nesse país, transcendendo sobremodo as suas fronteiras e configurando-se como decisiva para todo o âmbito hispânico da região. Isto é tratado a partir da trajetória de uma das mais importantes editoras acadêmicas, da qual os estudiosos brasileiros também puderam tirar proveito, a Fondo de Cultura Económica, historiada ao analisar-se as *Memorias* de seu fundador, Daniel Cosío Villegas. Quadro este que recebe também suas tintas, enfatizando uma vez mais a relatividade das fronteiras estabelecidas, quando nos debruçamos sobre o estudo do período formativo do escritor cubano José Lezama Lima.

Cabe ainda salientar que, afora os detalhados estudos e a riqueza de informações que se projetam a partir das obras abordadas nesse primeiro volume dedicado a estes estudos no país, o conjunto de ensaios oferece preciosa fonte documental através da vasta bibliografia, seja dos estudos voltados à temática dos escritos biográficos e memorialísticos ou de epistolografia, seja de outras tantas obras que caberiam dentro de um livro como este e que são ora mencionadas com mais atenção, ora referidas lateralmente.

Enfim, o tempo recuperado/reelaborado por subjetividades distintas permite entretecer uma compreensão da história como essa urdidura multifacetada e inesgotável que ela é. E fazem destes textos um conjunto inestimável não só para quem os procura com interesse acadêmico, uma vez

que os leitores que se interessam por escritos biográficos, memorialísticos, epistolares, de diários ou, segundo uma mais precisa e sintética definição que os organizadores resgatam de Giambatista Vico, pelos escritos periautográficos, também sairão destas páginas com um sentido mais aguçado para enfrentar suas ulteriores leituras do gênero.